

O PARADOXO DA PROPRIEDADE PRIVADA COMO OBSTÁCULO À PLENA REALIZAÇÃO DA CONDIÇÃO DEMOCRÁTICA

THE PARADOX OF PRIVATE PROPERTY AS AN OBSTACLE TO THE FULFILLMENT OF DEMOCRATIC CONDITION

Patrícia de Pontes Teixeira Alhadef¹

RESUMO

Este artigo analisa o pensamento de Ellen Meiksins Wood, tomando por referência suas ideias sobre a relação entre democracia e capitalismo e o paradoxo da propriedade privada como obstáculo à plena realização da condição democrática. Trata-se de um artigo de revisão da literatura. A relevância dessa discussão para a academia consiste nas possibilidades de ampliação de um debate cujas produções animam a disseminação de ideias e postulados inovadores, capazes de contribuir para o enfrentamento dos desafios que a sociedade vivencia, no que concerne às questões inerentes aos conceitos de propriedade privada, capitalismo e democracia. Para compor um quadro de referências analíticas, a revisão bibliográfica comporta conceitos que se articulam para balizar a compreensão do tema. Em seu desenvolvimento, este artigo utiliza-se de referencial bibliográfico produzido por clássicos e contemporâneos. Remete-se a antiguidade a partir das experiências gregas traçando paralelo com fatos da modernidade e da contemporaneidade. Concluí, enfim, que a realidade brasileira contemporânea pode ser delineada como uma sociedade dividida entre dois mundos: de um lado observa-se a “geração dos desnecessários” formada por aqueles excluídos do acesso ao conhecimento e às tecnologias. Do outro, a “geração ponto com” para quem o mundo virtual é, dentre outras manifestações, oportunidade concreta de inclusão na vida social, econômica e cultural de dimensões mundiais.

Palavras-chave: Capitalismo, Propriedade Privada, Democracia.

ABSTRACT

This article analyzes the thinking of Ellen Meiksins Wood, referring to her ideas about the relationship between democracy and capitalism and the paradox of private property as an obstacle to the full realization of the democratic condition. This is a review article in the literature. The relevance of this discussion to the academy consists in the possibilities of expanding a debate whose productions encourage the dissemination of innovative ideas and postulates, capable of contributing to the challenges faced by society, regarding the issues inherent in the concepts of private property, capitalism and democracy. In order to compose a framework of analytical references, the bibliographic review includes concepts that are articulated to mark the understanding of the theme. In its development, this article uses bibliographical references produced by classical and contemporary authors. Oldness is recounted from the Greek experiences, drawing parallels with facts of modernity and contemporaneity. I conclude, finally, that the contemporary Brazilian reality can be delineated as a society divided between two worlds: on the one hand one observes the "generation of unnecessary ones" Formed by those excluded from access to knowledge and technologies. On the other hand, the "dot com generation" for whom the virtual world is, among other manifestations, a concrete opportunity for inclusion in social, economic and cultural life of global dimensions.

Key words: Capitalism, Private Property, Democracy.

¹ Professora Faculdade do Vale do Jaguaribe - FVJ, desde outubro de 2013, no Curso de Serviço Social. Curso de Fisioterapia e Enfermagem. Professora Visitante na Faculdade UNIP / FAECE – FAFOR. Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pelo MAPPs da Universidade Estadual do Ceará (2012). Bacharel em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade De Fortaleza (2005). Consultora Técnica - PNUD/UNESCO em Parceria com a Secretaria Nacional de Direitos da Pessoa com Deficiência. Secretária Executiva dos Conselhos de Aquiraz. Capacitação de Conselheiros e Organização de Conferências.

1. Trabalho e Democracia: o antigo e o moderno

O presente artigo reflete fundamentalmente baseado nos estudos de Wood (2003), em cuja incursão teórica considera noções de trabalho e suas representações para as condições de liberdade X escravidão no mundo antigo (Grécia, Atenas e Roma a.C.), relacionando fatos históricos com a perspectiva federalista que originou a democracia representativa nos Estados Unidos e suas repercussões para a realidade contemporânea do mundo capitalista.

O fundamento subjacente que orienta a argumentação de Wood (2003) destaca que a condição do trabalho no mundo ocidental moderno, tanto na teoria quanto na prática, não pode ser inteiramente explicada sem que se busque na história da antiguidade greco-romana a disposição distintiva da relação entre as classes apropriadas e produtoras.

Partindo dessa compreensão, Wood (2003), levanta o pressuposto de que se a condição social e cultural do trabalho no ocidente moderno, remonta a antiguidade clássica, há muito a aprender com a ruptura radical que sob esse aspecto separa o capitalismo moderno da democracia ateniense.

Fazendo um paralelo entre a escravidão e o trabalho livre no capitalismo moderno, Wood (2003), remete a compreensão de que a escravidão, depois de um papel renovado e proeminente na ascensão do capitalismo moderno foi eliminada, enquanto trabalho livre, apesar de se tornar a forma dominante perdeu grande parte do status político e cultural que tinha na democracia grega.

Wood (2003) sugere que a evolução das antigas sociedades escravagistas até o capitalismo liberal moderno foi marcada pelo declínio do status do trabalho. Esse pensamento contraria a sabedoria convencional e a opinião erudita. Por isso mesmo, Wood (2003) tenta demonstrar uma percepção diferente do trabalho na antiguidade para demonstrar seu equivalente no capitalismo moderno.

A autora não concorda com historiadores que identificam a escravidão como característica essencial da ordem social da Grécia Antiga. Contesta os que caracterizam Atenas como “economia escravagista”. Sugere que na produção grega coexistiam, em proporções iguais, duas classes sociais: as classes apropriadoras, consolidando uma comunidade juridicamente definida por homens livres – os cidadãos; e, de outro lado, as classes produtivas formadas pela classe trabalhadora de escravos submissos.

Pode parecer paradoxal, mas Wood (2003) sugere que em Atenas prevaleceu a polis grega, exemplo de sociedade escravagista e ao mesmo tempo a mais democrática, onde a maioria dos cidadãos trabalhava para viver. A autora faz, então, um paralelo entre o trabalho livre e o trabalho escravo na sociedade ateniense e propõe que o trabalho livre era a espinha dorsal de sua democracia. As propriedades eram geralmente pequenas e mesmo entre os proprietários ricos não havia latifundiários. Por outro lado, o trabalho escravo era mais importante para a economia urbana, monopolizando em duas áreas: o serviço doméstico e as minas de prata.

Os estudos de Wood (2003) sobre a liberdade e a escravidão em Atenas assumem perspectiva dialética e convergem para a percepção de que a condição escrava não define a liberdade do cidadão. Ao contrário, o cidadão trabalhador define o cativo dos escravos porque a libertação dos agricultores, incentivou o crescimento da escravidão. Nesse sentido, democracia e escravidão em Atenas estiveram unidas de forma inseparável, sendo o trabalho, o nexo que unia cidadãos e escravos.

Tendo como laboratório de seus estudos, a realidade da Inglaterra dos anos de 1950, Smith sugere que os limites objetivos da lógica do capital prevalecem mesmo quando os governantes tentam expressar uma preocupação humanitária genuína.

Por sua vez, Owen (1987) denuncia a busca do lucro e o poder do dinheiro, considerando ainda que a educação é para o trabalho, mero instrumento de ganho.² Sem apresentar uma proposta coerente para a educação dos povos excluídos da dinâmica do capitalismo, os postulados do autor determinam as seguintes considerações:

“É isso que acontece quando, mesmo um reformista social e educacional esclarecido, que honestamente tenta remediar os efeitos alienantes e desumanizantes do poder do dinheiro e da “busca do lucro”, os quais ele deplora, não pode escapar a auto imposta camisa-de-força das determinações causais do capital”.³

Ao referir-se aos efeitos do poder do dinheiro sobre as consciências que almejam transformar a educação, Mézaros (2007), resgata os embates promovidos ainda no início da “acumulação primitiva”, e os sucessivos fracassos históricos dos que objetivaram seu enfrentamento. Entretanto, não desanima e sugere que devemos prosseguir, adotando o desafio de romper com a camisa-de-força da lógica incorrigível do sistema capitalista, e

2. OWEN, Robert. A new view of society writings. Londres, 1987, op. Cit. MÉZAROS, István. O desafio e o fardo do tempo histórico. Trad. Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo. Bomtempo, 2007, p. 199.

3. MÉZAROS, István. O desafio e o fardo do tempo histórico. Trad. Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo. Bomtempo, 2007, p. 201.

destaca: “as soluções não podem ser formais, elas devem ser essenciais”.⁴

Distante de oferecer ao sistema capitalista, pessoal qualificado para a expansão do sistema, a educação dispensada às sucessivas gerações esqueceu também de fomentar nos alunos os valores adversos a esse sistema. Ao contrário, teria legitimado o interesse dos dominantes e a aceitação pelos dominados, de uma hierarquia balizadora da estrutura de classes.

Mesmo percebendo que as instituições escolares tiveram que ser adaptadas em diferentes sociedades e distintos momentos históricos, Mészáros (2007) destaca que as transformações sucessivas no campo da educação formal, por mais emancipadoras que se tenham revelado em suas bases de concentração filosófica libertadora, não conseguiram afetar os pilares que sustentam o sistema capitalista, e sugere:

As soluções educacionais formais, mesmo algumas das maiores e mesmo quando são sacramentadas pela Lei, podem ser completamente invertidas, desde que a lógica do capital permaneça intacta como quadro de referência orientador da sociedade.”⁵

Feitas essas considerações, Mészáros (2007) apela para Marx (1988), e questiona: “será que a aprendizagem conduz à auto realização dos indivíduos como indivíduos socialmente ricos humanamente, ou está a serviço da perpetuação, consciente ou não, da ordem social alienante e definitivamente incontrolável do capital?”

Para responder a tal questionamento, Mészáros (2007) fundamenta-se em Gramsci (1957) em sua posição democrática, baseada na premissa de que “todo ser humano contribui, de uma forma ou de outra, para a formação de uma concepção de mundo predominante.”⁶

Seguindo essa linha de raciocínio afirma “a aprendizagem é a nossa própria vida” e sendo assim, a principal função da educação formal hoje “é agir como um cão-de-guarda ex- ofício e autoritária para introduzir um conformismo generalizado em determinadas formas de internalização, de modo a subordiná-los às exigências da ordem estabelecida.”⁷

Em síntese, e apelando para Marti (1991) deixa ao leitor mais uma reflexão que uma metodologia a ser seguida no sentido de transformar a realidade educativa: “todo o

4 Ib. id., 2007, p. 202.

5 Ib. id., 2007, p. 207.

6. GRAMSCI, Antonio. “The formation of intellectuals”. Londres, Lawrence and Wishart, 1975, p. 121. Op. Cit. MÉZAROS, István. O desafio e o fardo do tempo histórico. Trad. Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo. Bomtempo, 2007, p. 209.

7. MÉZAROS, István. O desafio e o fardo do tempo histórico. Trad. Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo. Bomtempo, 2007, p. 212.

processo de educar deverá ser refeito, sob todos os aspectos de modo a transformar a “formidável prisão” em lugar de emancipação e de realização genuína”.⁸

A partir de tais considerações, este artigo se concentra na revisão de literatura de conteúdo mais aproximado da realidade brasileira, onde a temática da educação se descortina sob o véu das extremas desigualdades no contexto de uma sociedade capitalista de dimensões excludentes.

2. Educação e tecnologia no Brasil: Entre a tradição e o pós-moderno.

O pressuposto de que os países mais desenvolvidos do mundo investiram em economia e tecnologia têm orientado a formulação de políticas públicas nos países ditos “em desenvolvimento”, como é o caso brasileiro. Tais concepções encontram ressonância no modelo positivista de ciência, que reduz a educação à sua dimensão meramente econômica, vista como um investimento em capital humano e tecnologias e cujo retorno para a sociedade deve mostrar-se, antes de mais nada, rentável.⁹

“Assim como a escolha de determinados métodos de apreensão da realidade conduz a formulações inadequadas das questões educacionais, a indevida transferência das soluções encontradas no nível micro do ensino para o âmbito da própria estrutura do sistema escolar leva a efeitos não menos satisfatórios.”¹⁰

Poupadora de mão-de-obra e aplicadora de capital intensivo, a tecnologia utilizada pelo sistema educacional pressupõe a racionalização do ensino, o que implica na concentração de recursos e de talentos especializados para produzir instrumentos e técnicas, cujo custo se justifique pela extensão da alta qualidade que impõe a um material a ser aplicado em massa.

Outra contradição que problematiza a produção tecnológica nas escolas é a inobservância de que nela, as relações sociais são permeadas por desigualdades, muitas vezes negadas ou negligenciadas pela estrutura de poder que se estabelece nesses espaços.

A análise de Borba (2008) sobre a crise econômica e as lutas que promove no mundo capitalista entre explorados e exploradores chama a atenção para o impasse político que

8. MARTI, José. “Libros”, em Obras Completas. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1991, p. 187.

9. BARRETO, Elba Siqueira. Tradição tecnológica e sistema de ensino no Brasil (IN) Educação e Sociedade. S. Paulo, Ed. Cortez, 1979, p. 61.

10. Ib. Id., 1979, p. 62.

pode se estabelecer entre Estado e sociedade.

A esfera da política institucional começa a colidir com a esfera da política não institucional, conflito esse que pode desenvolver-se numa ameaça, mesmo à democracia burguesa na medida em que a crise econômica vai se agravando¹¹

Ao analisar a relação entre educação, mundialização e emancipação humana, Santos (2008) sugere como ponto de partida, o reconhecimento do caráter amplo da educação, que não deve ser considerada apenas no entorno dos mundos escolares, percebidos por ele, como sua dimensão mais restrita.

“Resgatada em sua dimensão mais ampla, concebe-se que a educação, entendida como aprendizado pelo qual o ser social incorpora certos conhecimentos que lhe permite compreender e agir sobre a realidade que o cerca, é um ato que marca a própria materialidade do homem”.¹²

A relação entre educação, capitalismo e tecnologia tem pautado amplas discussões no Brasil, e em meio aos mais diferentes embates que o tema suscita, uma questão é formulada como ponto de partida:

“Se a educação está mais voltada para a adaptação do indivíduo ao meio e se este se constitui na sociedade capitalista em que o homem explora e domina o outro, por que se preocupar em alfabetizar e educar milhões de seres humanos que não sabem ler e escrever? ... No Brasil, por exemplo, ainda temos cerca de 18 a 20 milhões de analfabetos, sem contar os analfabetos funcionais que mal apenas sabem escrever”.¹³

A sociedade capitalista em sua fase neoliberal, tal como no caso brasileiro contemporâneo, apela para o discurso da universalidade do direito de acesso à educação ao mesmo tempo em que aprofunda e propaga desigualdades, pela via do individualismo e da competitividade, entendidos como valores disseminados nas escolas e na sociedade como um todo. Num país que privilegia a privatização do ensino e deixa no comando de empresas a responsabilidade de educar suas crianças e jovens e, por outro lado, descuida de qualificar professores de escolas públicas e negligência da gestão e do investimento tecnológico para salas de aula, não pode estar preocupado em transformar a realidade atual.

11. BORBA, Jason T. Protagonismo – Mundo no século XXI. Dialética das ideias globais (In) ORSO, Paulino José et alii (org.) Educação e luta de classes. S. Paulo. Ed. Expressão Popular, 2008, p. 21.

12. SANTOS, Ariovaldo. Mundialização, Educação e Emancipação Humana (In) ORSO, Paulino José et alii (org.) Educação e luta de classes. S. Paulo. Ed. Expressão Popular, 2008.

13. ORSO, Paulino José. A educação nas sociedades de classe: Possibilidades e limites (In) Educação e luta de classes. S. Paulo. Ed. Expressão Popular, 2008, p. 52.

Diante de tal consideração é importante lembrar ainda que as mudanças históricas acontecem a partir de certas condições dominantes que vão sendo questionadas em virtude das consequências negativas que vão impondo à vida em sociedade.

É o caso da violência extrema, por exemplo, que já se manifesta também no interior das escolas públicas, atualmente questionadas pela vulnerabilidade a que se expõem pela própria ineficiência de suas práticas.

Diante de tantas fragilidades, como afirmar ou mesmo negar a necessidade de assimilação da escola pública brasileira aos recursos tecnológicos existentes, se vivemos num tempo em que a informação passou a ser simultaneamente insumo e produto e se transformou numa mercadoria para os privilegiados que a ela tem acesso.

“A economia emergente é comandada pela produtividade e a competitividade; a produtividade será derivada da inovação tecnológica, enquanto a competitividade será derivada da inovação institucional. No futuro, os produtos, processos e serviços mais relevantes serão os intensivos de conhecimento, aumentando a necessidade de criar uma maior capacidade cultural para usar a tecnologia da informação”.¹⁴

Ao persistir em seu estilo tradicional de ensino, e desprovida de capacidade intelectual e instrumental para o acesso à tecnologia, a educação estaria fadada a colaborar com a formação do “Quarto Mundo”: o mundo dos desnecessários, desconectados da era do acesso.¹⁵

Se a escola disseminar educação e cultura, e esta desprovida de conhecimento e tecnologia, formará o “mundo dos desnecessários”, distanciando-se cada vez mais da realidade vigente que em suas instituições globais forma uma cultura de realidade virtual em torno da qual nasce e se propaga a “geração ponto com”.

“Agora, o computador, a televisão e outros meios de comunicação são os intermediários quase-oficiais, livres para destruir antigos e criar novos símbolos e identidades. As crianças da “geração ponto com” estão sendo introduzidas à realidade virtual antes de “debutar” de forma apropriada na realidade real. Seu mundo está sendo perigosamente reduzido a uma tela gigante e mágica da qual é difícil desconectar-se. Em síntese, o que não se manifesta em alguma tela não existe, não é verdade, ou não é importante ... A geração ponto com corre o risco de pensar que já não será necessário caminhar para conhecer o mundo e

14. CASTELLS, M (1998). End of millennium (V.III) Malden, MA; Blackwell Publishers (In) SILVA, José de Sousa. A mudança de época e o contexto global cambiante. Implicações para a mudança institucional em organização de desenvolvimento (mimeo), 2003.

15. RIFIKIN, J. El fin del trabajo: nuevas tecnologías contra puestos de trabajo: el nacimiento de una nueva era. Buenos Aires: Pardos, 1996 (In) SILVA, José de Sousa. Mudança de época e o contexto global combatente. Implicações para a mudança institucional em organizações de desenvolvimento (mimeo), 2003, p. 62.

transformá-lo”.¹⁶

A escola contemporânea se insere, portanto, numa sociedade dividida entre a “geração dos desnecessários” porque excluídos do conhecimento e do acesso à informática e à “geração ponto com”. No limiar dos dois mundos prevalece a possibilidade de a realidade virtual assumir poderes de dimensões ainda incalculáveis. Por tudo isso, as mudanças educacionais se anunciam, não exatamente para validar os interesses da “geração ponto com”, mas essencialmente para restringir a evolução da “geração dos desnecessários”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das ideias discutidas neste artigo, podemos sugerir que a relação entre capitalismo, educação e tecnologia se estabelecem no cotidiano mundial independente das formulações teóricas contrárias a essa realidade, principalmente nos países de capitalismo avançado.

No caso brasileiro, onde os extremos das desigualdades são forjados por um capitalismo de dimensões excludentes, onde os mais ricos acumulam sempre mais e os mais pobres permanecem estagnados em um mundo paralelo de violências, crimes e drogas ilícitas, pensar a relação entre capitalismo, educação e tecnologias é, mais uma vez, reconhecer que a inclusão dos excluídos persiste apartada pelo estranhamento entre os indivíduos e instituições que operam nos dois mundos antagônicos.

A escola, em sua divisão público e privado tem acesso restrito, mesmo sob o discurso da universalidade do ensino para todos. As tecnologias permanecem acessíveis aos que tem poder aquisitivo para instrumentalizar-se e adentrar ao mundo da informática, aqui se insere “geração ponto com”, aos demais, que sobrevivem na sociedade capitalista sem acesso à educação de qualidade e muito menos às tecnologias disponíveis no comércio, engrossam as fileiras dos humanos “desnecessários”. Parece difícil aceitar e compreender o fato, porém sua dinâmica é, a cada dia, mais evidente nas ruas das metrópoles por onde circulam veículos importados de alto luxo, para que seus usuários desfrutem, a partir de carros blindados as belezas expostas nas vitrines iluminadas que estimulam os desejos de consumo pela via “ponto com”, enquanto o semáforo de trânsito se fecha, abrindo oportunidades aos “desnecessários” para praticarem assaltos, pedirem

16. Ib. id., 2003, p. 65.

esmolas, exercitarem panfletagem ao ganho diário de dez reais, enfim, para aqueles que do outro lado do vidro fumê, “se viram” nas mais diferentes e inusitadas alternativas de sobrevivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Elba Siqueira. **Tradição tecnológica e sistema de ensino no Brasil** (In) Educação e Sociedade. S. Paulo, Ed. Cortez, 1979.

BORBA, Jason T. **Protagonismo – Mundo no século XXI. Dialética das ideias globais** (In) ORSO, Paulino José et alii (org) Educação e luta de classes. S. Paulo. Ed. Expressão Popular, 2008.

CASTELLS, M (1998). End of millennium (V.III) Malden, MA; Blackwell Publishers (In) SILVA, José de Sousa. **A mudança de época e o contexto global cambiante. Implicações para a mudança institucional em organização de desenvolvimento** (mimeo), 2003.

GRAMSCI, Antonio. “The formation of intellectuals”. Londres, Lawrence and Wishart, 1975, p. 121. Op. Cit. MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. Trad. Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo. Bomtempo, 2007.

MARTI, José. “**Libros**”, em **Obras Completas**. Havana, Editorial de Ciencias Sociales, 1991.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. Trad. Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo. Bomtempo, 2007.

ORSO, Paulino José. **A educação nas sociedades de classe: Possibilidades e limites** (In) **Educação e luta de classes**. S. Paulo. Ed. Expressão Popular, 2008.

OWEN, Robert. **A new view of society writings**. Londres, 1987, op. Cit. MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. Trad. Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo. Bomtempo, 2007.

RIFIKIN, J. **El fin del trabajo: nuevas tecnologías contra puestos de trabajo: el nacimiento de una nueva era**. Buenos Aires: Pardos, 1996 (In) SILVA, José de Sousa. **Mudança de época e o contexto global combatente. Implicações para a mudança institucional em organizações de desenvolvimento** (mimeo), 2003.

SANTOS, Ariovaldo. **Mundialização, Educação e Emancipação Humana** (In) ORSO, Paulino José et alii (org) Educação e luta de classes. S. Paulo. Ed. Expressão Popular, 2008.

SMITH, Adam (1948) op. Cit. MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. Trad. Ana Cotrim e Vera Cotrim.